

Derecho natural

Título: *Derecho natural*

Autor: Ignacio Martínez de Pisón

Leitora: Margareth Santos

O romance de Ignacio Martínez de Pisón percorre a história de Ángel Ortega, personagem que nos conta em primeira pessoa a trajetória de sua família dividida em dois grandes blocos: por um lado, a constituição, o esfacelamento e a reconstrução do seu núcleo familiar e, por outro, o devir político do Estado espanhol, marcado pelos estertores da ditadura franquista, nos anos 1970; pela denominada transição democrática, situada a meados dessa mesma década e pelos anos seguintes, divididos entre tentativas de respiro, de liberdade frente à mordida ditatorial e os assédios vinculados às promessas da sociedade de consumo, que se prolongam até os anos 1990, ano em que finda a narrativa.

Fazem parte da família do narrador-protagonista a mãe, Luisa, que se debate entre um modelo pautado pela castradora Seção feminina— advinda do período franquista— e as novas possibilidades para o papel feminino nos anos democráticos; um pai frívolo e ausente, cujo trajetória profissional se articula em empregos tão variados como inusitados: ator de filmes B, roteirista frustrado, político malgrado do PSOE em plena transição democrática; agente de modelos e atores mirins e, por fim, imitador de sucesso do cantor grego Demis Roussos, cuja semelhança fisionômica, em peso e calvície, concedeu-lhe momentos de estabilidade monetária. Completam esse núcleo um irmão mais novo cleptomaniaco e duas irmãs—uma apenas por parte de pai—, que fingem ser gêmeas.

Nessa encruzilhada, composta por personagens que nasceram com a ditadura e cresceram para viver a democracia ou adultos que estiveram boa parte de suas vidas sob o regime franquista e se viram sem saber o que fazer com a liberdade que chegava lentamente, a obra busca traçar um paralelo entre a saga dessa família instável e caótica com as mudanças histórico-sociais pelas quais passava o país.

Portanto, a peripécia de cada um desses personagens se entrelaça com o devir da sociedade espanhola, sobretudo nos momentos da transição da ditadura ao sistema democrático, que até o final dos anos oitenta ainda estava por conformar o direito natural, aludido pelo título da obra. Tratava-se, por conseguinte, de um país que ainda estava por se fazer, no que se refere às liberdades políticas e sociais. Um país sem Constituição e sem leis que dispusessem o andamento da vida cotidiana, familiar e social em tempos em que se procurava desfazer o ranço cerceador da era de Francisco Franco.

Diante de um contexto avassalador como esse, não é de se estranhar que os momentos de inflexão da família Ortega acompanhem, muitas vezes, e ainda que à distância, as mudanças que a história espanhola vai desdobrando: o referendo da Constituição em 1978; o 23-F, uma tentativa fracassada de golpe de Estado por alguns militares em 23 de fevereiro de 1981; no mesmo ano, a lei do divórcio; a chegada da televisão em cores, que possibilitava ao público deixar para trás um passado em preto e branco e lançar-se nas delícias dos espetáculos de entretenimento fácil e, por fim, a “Movida” madrilenha, que propiciou uma renovação musical e artística espanhola, mas que também esteve marcada pela irrupção destruidora de drogas como a cocaína e a heroína.

A partir desse extenso pano de fundo sócio-histórico, a narrativa se articula de maneira ágil, com diálogos que se combinam de modo fluído com suas longas descrições, que, apesar de sua demora, não são cansativas. O resultado é uma obra que aspira a um tom elucidativo e leve do que a qualquer tipo de incômodo, ainda que trate de temas e tempos espinhosos. Por conseguinte, trata-se de um bom romance.

Mas, talvez essa seja a pedra no caminho de *Derecho natural*, pois, embora seu autor demonstre um domínio completo na arte de narrar, tudo ali parece comedido. Daí que ganhem maior protagonismo o vaivém geográfico da família Ortega, que percorre uma Barcelona natal que cresce vertiginosamente e empurra, em um primeiro momento, os familiares do narrador-protagonista para bairros cada vez mais longínquos e precários e, posteriormente, com a bonança batendo à porta, são devolvidos a bairros cada vez mais centrais. Os gestos, as discussões altissonantes, os sucessivos abandonos do patriarca, o crescimento de Ángel e dos irmãos não se constituem como espelho da sociedade, mas sim como uma espécie de romance de formação torto, em que a

história, frequentemente, serve apenas como decoração para o próprio umbigo de seus personagens centrais. Isso tudo não desemboca em uma narrativa ruim, ao contrário, pois o romance equilibra-se muito bem entre a história espanhola e e o microcosmo da família Ortega.

URL de origem: <http://www.newspanishbooks.br.com/read-report/derecho-natural>